

Trabalhadores da indústria frigorífica: experiências de operários*

*Fernanda Ben***

Resumo

Este texto visa discutir/problematizar a trajetória dos migrantes de procedência rural no processo de adaptação das formas de trabalho e a reinvenção das relações socioculturais nos núcleos urbanos que se constituíram próximos ao frigorífico Sadia de Chapecó. A reorganização desses espaços esteve intimamente relacionada ao desenvolvimento do capital agroindustrial em Chapecó e às mudanças nas formas de trabalho que estavam acontecendo no meio rural do município e região.

Palavras-chave: Chapecó; indústria frigorífica; operários.

O presente esboço visa discutir a trajetória dos migrantes de procedência rural no processo inicial de assimilação das condições de moradia e trabalho, nas imediações do frigorífico Sadia de Chapecó. Grande parte das famílias que se alocaram nos arredores da Sadia o fez motivada pelas oportunidades de emprego disponibilizadas pela empresa, especialmente a partir do final da década de 1970 e início dos anos 80, período em que o setor agrícola vivenciava profundas mudanças nas práticas de trabalho (iniciadas com uso de novas técnicas e tecnologias agrícolas) que, juntamente com outros fatores, impulsionaram uma intensa migração campocidade.

A origem do capital agroindustrial no Oeste de Santa Catarina teve início na década de 1940, com a instalação de frigoríficos, como a Sadia e a Perdigão, e a produção de suínos era a principal matéria-prima dessas empresas. Esse capital se desenvolveu, de forma mais intensa, em Santa Catarina, a partir de meados da década de 1950 e início dos anos 60, em função da diminuição do abate de suínos e bovinos dos frigoríficos nacionais e multinacionais de São Paulo e arredores, por motivo da implantação de novos frigoríficos próximos das áreas de engorda nas regiões centrais do país, estimulados durante o terceiro governo Vargas (1951-54) com empréstimos bancários, isenções fiscais, entre outros. Essas medidas e as características das atividades comerciais no Oeste de Santa Catarina, como a venda de suínos aos frigoríficos de São Paulo (Swift e Armor, entre outros) e a existência de atividades frigoríficas, sobretudo no Vale do Rio do Peixe e norte do Rio Grande do Sul, impulsionaram, a partir da década de 1950, a instalação de novas indústrias frigoríficas no Oeste Catarinense (MAMIGONIAN, 1976), entre elas: Chapecó S/A (1952), Seara (1956), Reunidas Ouro (1960), Itapiranga (1962), Unifrio (1963), bem como se processou a expansão do capital de empresas do ramo, como a Perdigão e a Sadia, que já atuavam na região.

Em Chapecó, as empresas do ramo frigorífico se instalaram em dois momentos: o primeiro, entre o final da década de 1940 e a

primeira metade da década de 1950, com a constituição da Indústria e Comércio Marafon (fábrica de produtos suínos) e a S/A Indústria e Comércio Chapecó, que também industrializava carne suína e seus derivados. Esse primeiro momento foi regido por várias dificuldades, principalmente a carência de estradas para o escoamento da produção. O segundo momento da industrialização de Chapecó foi entre o final dos anos sessenta e início dos anos setenta, com a instalação de empresas como o frigorífico da Cooper Central Oeste (1967, antiga Indústria e Comércio Marafon), o moinho da Cooper Alfa (1967), a fábrica de óleos vegetais da Extrafinos (1971), o Frigorífico Sadia (1972), além de laticínios e outras empresas menores que surgiram em função dos frigoríficos e fábricas de alimentos.

Dentre as indústrias de alimentos que, nesse período, se estabeleceram em Chapecó, a Sadia Avícola foi a empresa que proporcionava “motivo de euforia”, pois não se tratava apenas da instalação do “maior abatedouro de aves da América Latina” (Revista Celeiro Catarinense, 1971, p.8), mas de uma empresa cujos dirigentes haviam inaugurado um modelo de produção próprio: tratava-se do sistema de *produção integrada* ou *parceria*, proporcionando “o maior entusiasmo entre os avicultores, com as perspectivas da colocação certa de seus produtos” (Revista do Sul, 1971, p.40).

Além das mudanças nas formas de produção disponibilizadas pela Sadia, a política econômica do Estado, efetivada por meio do trabalho, principalmente da Extensão Rural e do sistema de Crédito Agrícola, viabilizou incentivos ao aumento da produtividade agrícola com a finalidade de atender aos preceitos do desenvolvimento nacional. Essas iniciativas disponibilizadas aos agricultores no Oeste de Santa Catarina favoreceram o desenvolvimento das empresas de caráter agroindustrial, entre essas, a Sadia.

'A grande empresa que todo chapecoense aplaude': a instalação da Sadia Avícola



Figura. 1 - Foto aérea das instalações do Frigorífico Sadia – Chapecó, 1973.

Fonte: Acervo Foto Estúdio Zollet

Esta empresa há de se constituir num dos mais brilhantes empreendimentos de **transformação de produtos**, existentes hoje na América Latina, em termos de vulto, em termos de **tecnologia** – integrando, porque parte desde a **utilização dos produtos agrícolas** da região, transformados inicialmente em ração e posteriormente em proteína animal da mais alta qualidade, deixando ainda o resíduo de fertilização para a própria área e levando para os **centros consumidores** e para o exterior a proteína da mais alta capacidade alimentar (Revista do Sul, 1973, p.14. Grifos Meus.)

A instalação de empresas do ramo agroindustrial, como a Sadia, representava a concretização dos projetos econômicos que estavam sendo propostos por políticos e empresários locais. A idéia de progresso, entendido como sinônimo de desenvolvimento econômico e industrial, que as lideranças políticas do município

difundiam em seus discursos, ganhava profusão em dizeres como: “Nossa política é o trabalho. Nosso lema é o desenvolvimento. Nosso ideal é o bem-estar social” (Revista Ceileiro Catarinense, op. cit., p.9). E ainda: “Será Chapecó o município brasileiro de maior produção de aves e a Sadia Avícola o maior abatedouro de aves da América do Sul” (Id., p.8). Tais palavras de ordem, cheias de efusão e otimismo, eram recorrentes na época.

Nesse período, a viabilização de políticas públicas de incentivo ao aumento da produtividade agrícola e a expansão industrial, dispostas em todo o país, tornaram o cenário propício às mudanças que ocorreram em Chapecó. Os incentivos que o capital agroindustrial recebeu dos planos de desenvolvimento do Estado foram importantes para que o município recebesse investimentos no setor industrial. O impulso econômico favoreceu principalmente o desenvolvimento das agroindústrias, uma modalidade de empresa que participa desde a produção da matéria-prima até o seu beneficiamento. Para Carlos J. Espíndola (1999, p.38), entre as iniciativas de apoio ao desenvolvimento agroindustrial em Santa Catarina, estão:

a criação em 1965, do Sistema Nacional de Crédito Rural, criação do Fundo Geral para Indústria e Agricultura (FUNAGRI), implantação de Fundos de Financiamentos às Indústrias como o Financiamento às Pequenas e Médias Empresas (FIPEME), o Programa Agroindústria (PAGRI), o Fundo de Democratização do Capital das Empresas (FUNDECE), entre outros.

A política econômica nacional impulsionava a expansão industrial, o Estado disponibilizava recursos para instalação de novas empresas, e o poder público municipal viabilizava estratégias para atrair esse capital – doações de terreno, energia elétrica, isenção de impostos, entre outros¹. A escolha da Sadia de se instalar em Chapecó, a partir de 1971, se deveu ao fato de que a cidade já havia alcançado um bom tamanho e estava situada no centro de uma vasta zona agrícola rica em milho e soja, localizada na região Oeste

catarinense, Alto Uruguai Rio-grandense e Sudoeste Paranaense. Disponha ainda de energia elétrica, possuía boas estradas e aeroporto (SADIA, 1994, p.76).

O abatedouro de aves começou operar em 1973, com “pouco menos de 50 funcionários”². Os primeiros operários do frigorífico residiam nas proximidades da empresa, eram colonos que moravam na localidade e jovens migrantes das áreas rurais de municípios próximos a Chapecó, ou de bairros da cidade. Vieira S. (2003), um entre tantos jovens que deixaram o meio rural de Caxambu do Sul, município próximo a Chapecó, relata as dificuldades presenciadas quando, depois de ter escutado no “radinho que a Sadia Avícola de Chapecó estava contratando jovens de 18 a 25 anos para trabalhar no frigorífico”, resolveu para ali se deslocar em busca dessas oportunidades de emprego:

Naquela época o que era mais difícil era arrumar uma pensão. O mais difícil era também o meio de locomoção, era a pé ou de bicicleta, eu morava perto da empresa, mas tinha gente que fazia até dez quilômetros pra vim trabalhar. Na época não existia nada de asfalto, nem ônibus, era só mato por aqui (Id.).

Aos poucos, as primeiras pensões começaram a ser disponibilizadas pelos moradores da localidade, seguindo muito o ritmo da necessidade e da improvisação. Além disso, os donos das áreas de terra próximas à empresa foram aos poucos vendendo pequenos terrenos às famílias que chegavam. Residir perto da empresa era a alternativa mais acertada, pois na época praticamente inexistia transporte urbano e os operários que residissem fora das proximidades percorriam longos caminhos a pé ou de bicicleta para chegar ao trabalho.

Os primeiros funcionários da empresa vieram de Concórdia (SC), a pedido dos dirigentes da Sadia: o “método da Sadia sempre foi aproveitar as pessoas que já trabalhavam em Concórdia que tinham experiência, para os cargos de confiança”. E o restante da mão-de-obra contratada, “aqueles que não eram daqui, eram do

Rio Grande do Sul, da região de Nonoai, São Valentim, dessa região aí é que veio mais funcionários para trabalhar na Sadia. Tudo pessoal do meio rural" (ALEXANDRE P., 2003).

Os funcionários que chegavam em Chapecó a pedido da empresa constituíram o primeiro núcleo de moradores nas proximidades da Sadia, local conhecido como *Vila Sadia*. A vila tinha uma única rua com cerca de 15 casas de propriedade da empresa, destinadas aos funcionários. A princípio, quando as instalações do frigorífico estavam em fase de construção, algumas moradias foram ocupadas pelos funcionários que acompanhavam a construção dos estabelecimentos e faziam contatos com os colonos das imediações e do interior do município, em geral, a fim de garantir a produção de matéria-prima necessária para a indústria. Posteriormente, mais algumas casas foram construídas e esse passou a ser o local onde residiam os funcionários que, acompanhando a empresa, deslocaram-se de Concórdia para Chapecó, geralmente acompanhados de suas famílias. Essas pessoas já tinham experiência com o trabalho na indústria frigorífica e ficaram responsáveis pela organização dos departamentos da empresa, como produção (frigorífico), manutenção da parte elétrica e equipamentos, caldeira, embalagem, expedição, fábrica de rações, entre outros. Esses funcionários, na maioria dos casos, ocupavam cargos de chefia nos setores e departamentos constituídos pela Sadia.

O segundo local a se estabelecer, onde geralmente residiam os operários do setor frigorífico e os motoristas da empresa, foi a *Vila Mantelli*. A vila se formou no final da década de 1970, (momento de expansão das atividades industriais do grupo Sadia) a partir da compra, pela empresa, de uma área de terra da chácara da família Mantelli, onde foram construídas cerca de 30 casas e alguns terrenos, então vendidos a funcionários da empresa, geralmente casais, contratados para o trabalho na indústria frigorífica. Como nos relata o entrevistado Osvaldo M. (2003), que ali reside desde a instalação do empreendimento:

A Sadia loteou os terrenos dessa área que eu vendi e chamou de Vila Mantelli. Na hora de registrar colocaram o nome de *Vila Mantelli*, porque compraram dos Mantelli. Os terrenos eram vendidos pros funcionários da Sadia, descontando no salário. Não tinha muita gente aqui, mas aqueles que moravam aqui, eram todos funcionários da Sadia. Eram mais ou menos umas 30 famílias.

A escolha da empresa de vender casas ou terrenos para os funcionários, tendo como forma de pagamento o desconto em salário, a fim de constituir uma equipe de funcionários para o trabalho da indústria, estabeleceu uma relação de dependência entre os operários e a empresa, que se assemelha ao sistema de moradia de fábrica com vila operária. Segundo José Sérgio Leite Lopes (1988, p.17), o modelo de fábrica com Vila Operária

traz novas determinações à relação entre patrões e operários – à diferença das fábricas que não controlam nem a moradia nem a vida social extra-fábrica de seus operários – que extrapolam da esfera da produção em direção ao controle material da própria esfera da produção da força de trabalho, o fornecimento de casas a seus operários significa de fato uma interferência direta e visível da administração da fábrica sobre a vida social extra-fábrica dos trabalhadores.

Embora se pareça ao que foi verificado por José Sergio Leite Lopes, a constituição dessas relações entre empresa e moradia operária apresentava suas peculiaridades. Por exemplo, na *Vila Sadia*, onde geralmente residiam as chefias, a empresa requisitava que esses funcionários se estabelecessem ali, para o caso de ocorrer algum serviço “de emergência, alguma coisa assim” (ALEXANDRE P., 2003), como falhas que envolvessem algum setor produtivo da empresa ou quando tivesse que trabalhar horas a mais do expediente de trabalho, para cumprir a demanda de produtos da empresa. Já para os operários que residiam na *Vila Mantelli*, a forma de pagamento da moradia condicionava o operário a manter boas

relações de trabalho, pois a manutenção da moradia estava relacionada com o emprego, instituindo-se assim uma relação de dependência entre funcionário e a empresa além da esfera produtiva. O processo encaminhado à Justiça do Trabalho por Velci dos Santos, funcionário da Sadia, torna possível evidenciar que, para os funcionários residentes nas casas da empresa, manter-se no emprego era a condição para dispor da moradia. “O reclamante (Velci dos Santos) sempre residiu nas casas de propriedade da empresa, isto nos últimos 8 meses. No final do mês de agosto, quando foi demitido da empresa, a reclamada (Sadia) lhe solicitou a casa, sendo que lhe deu o prazo de 3 dias para de lá sair” (Processo n. 790/82, p.2). Na causa que foi conciliada entre as partes, o ex-funcionário requeria o pagamento das verbas rescisórias e os direitos que não tinham sido pagos, como a rescisão de contrato, parte do 13º salário, insalubridade, entre outros.

Acreditamos que a expansão das atividades industriais da empresa, especialmente a partir do final da década de 1970, motivou seus dirigentes a constituírem as casas na Vila Mantelli para vender aos funcionários, pois, em função da localização da empresa, os operários precisavam percorrer longas distâncias para chegar ao trabalho, de modo que isso representava perdas para a empresa.

Além disso, entre o final dos anos 1970 e início dos anos 1980, no mesmo período em que foi constituída a Vila Mantelli, às margens da Avenida Senador Attilio Fontana, nas proximidades da Sadia, foram estabelecidos vários outros loteamentos por imobiliárias da cidade, entre os principais: Loteamento Vitória (1980), Efapi (1980), Thiago (1981), Parque das Palmeiras (1982), Serrano Soprana (1982), ao que parece seguindo os preceitos requisitados pela empresa e a possibilidade de ganhos para o setor imobiliário de Chapecó³.

A Sadia não tratou de constituir um modelo de fábrica com vila operária, mas nem por isso deixou de interagir no processo de criação dos núcleos urbanos que se formaram nos arredores da empresa.

‘Na roça já não dava mais’: a constituição do bairro Efapi

Eu saí da roça e comprei aqui, porque aqui era mato, mas com a esperança que a cidade tava pertinho, ela vinha vindo. E eu tinha aquela certeza que a Sadia é uma empresa muito grande, em roda da Sadia era visto que crescia, como de fato foi. A Sadia que criou esses bairro aqui. Foi sofrido, mas foi aonde eu acertei meu passo (JOÃO G., 2004).

Em 1978, João G., com a esposa e os nove filhos, na esperança de conseguir um emprego na Sadia, resolveu deixar o campo e montou acampamento próximo ao mato que, anos depois, se transformaria no bairro Efapi, na margem esquerda da estrada de terra que foi nomeada, tempo depois, como Avenida Senador Attilio Fontana, em homenagem ao sócio-fundador da Sadia. Ele costumava ouvir os programas de rádio da empresa, que anunciavam diariamente o carregamento e o alojamento das aves nas propriedades dos produtores integrados, e as demais informações do programa de fomento da empresa. “A Gente escutava e dizia: ‘Dicerto que lá deve ter uma empresa boa’. Então ela tinha um dizer: ‘A Sadia sabe o que faz’. Era bonito até de escutar” (Id.).

Ao chegar com sua família em Chapecó, mais precisamente no loteamento Efapi, que começava a ser constituído, as estradas estavam recém-abertas, os postes assentados, a energia elétrica “só veio anos depois”; claridade, só com a luz do lampião que, na época, era ainda muito utilizado nas residências que não dispunham de energia elétrica. A água provinha de um poço feito por ele mesmo e só “dava água pra cozinha”, enquanto a roupa era lavada pelas filhas “no córrego abaixo da rua Marrecos, aproximadamente 300 metros longe da casa” (Jornal Folha do Bairro Efapi, 2004, p.9).

As moradias que foram sendo fixadas desordenadamente nas margens da estrada de terra e a necessidade da empresa de ter os funcionários residindo nas proximidades, motivaram a *Corretora Colatto* a comprar uma área de terra e lotear na forma de terrenos de aproximadamente 360 metros quadrados, com um plano de

venda cujo pagamento era de “20% de entrada podendo esta ser paga até o final do ano e o restante parcelado em até 36 meses” (Jornal Correio do Sul, 1978, p.8). O loteamento Efapi, nomeado assim por se localizar próximo ao Parque de Exposições da Exposição Feira Agropecuária e Industrial – EFAPI, tinha a finalidade de “atender principalmente as classes menos favorecidas” (Id.). Em vista disso, foi lançada essa forma de venda às famílias que chegavam, especialmente para os que vinham a fim de trabalhar na Sadia. Nesse sentido, percebe-se que a formação desse loteamento, que passou a integrar nos anos 1980 o bairro Efapi, estabeleceu-se pelo empenho do poder público e do capital agroindustrial, que modelaram a cidade e orientaram seu desenvolvimento⁴.

Os moradores do loteamento Efapi, conhecido popularmente por *Colatto*, em alusão ao nome da Corretora que vendia os terrenos, eram na maioria dos casos jovens casais migrantes do Rio Grande do Sul ou de municípios próximos a Chapecó que chegavam motivados pelas oportunidades de emprego oferecidas pela Sadia. Nos depoimentos, é recorrente a informação de que: “a Sadia era, nossa! Uma empresa muito boa! Então todo mundo procurou se organizar lá no Colatto. Era um loteamento bom, não era longe, embora as pessoas tinham que vir a pé e tudo, mas era o que mais dava acesso à Sadia” (ACEDIRA L., 2004).

Outros depoimentos reforçam esses argumentos e revelam a diversidade de procedência e os laços de amizade e parentesco com os operários que já trabalhavam na Sadia, facilitando a chegada dos migrantes na localidade e a relação do lugar de moradia com as oportunidades de trabalho no frigorífico Sadia. As narrações que se repetem com frequência nos depoimentos de moradores da localidade são semelhantes a estes:

- Por que você resolveu deixar o campo e vir para Chapecó?
- Antes de eu iniciar na Sadia, eu morava na agricultura, me criei na roça até os dezessete anos, trabalhei na roça com meus pais. Nós éramos proprietários, mas em 1971,

diante das dificuldades, diante da mecanização da agricultura que estava acontecendo, eu me vi com um futuro negro na agricultura, porque eu procurava analisar: aquele vizinho que tinha um trator, ele se sobressaía um pouco mais. Aí eu pensei: eu jovem, eu precisava arranjar alguma coisa, ter alguma coisa. Daí eu comecei analisar, o trabalho braçal era sofrido! Eu com pouca instrução, sem possibilidade de estudar. Essas condições foram que me trouxeram pra cidade (SANTOS, 2003).

- Eu vim pra cá porque aqui veio um tio meu primeiro, ele entrou na Sadia, se comprou terreno, fez casa, comprou, foi indo bem. Sabe, porque antigamente a Sadia era uma das melhores, era a "Mãe Sadia", né. Então nós ouvía falar e daí nós falava: "Porque nós ficar aqui patinando nesses morro trabalhando, se fulano foi pra lá e já se fez isso, fez aquilo e tá bem". E eu vim pra continuar estudando e trabalhar, só que depois eu entrei na Sadia e daí comecei a trabalhar e não estudei mais, não consegui (ENI C., 2004).

- No começo um dos meus irmãos veio na frente e daí encaixou na Sadia e veio puxando os outros. O primeiro que veio foi arrumando pros outros, entremos todos, a família inteira na Sadia, naquela época (LAURI N., 2004).

Os relatos revelam a existência de uma "rede social" articulada que dinamizava a migração. O lugar de origem, a família, os parentes e amigos, a exemplo do que nos propõe Paulo Fontes, "desempenhavam um papel determinante nessa rede"⁵, indicando uma dinâmica para a migração campo-cidade que acontecia alicerçada nas relações de amizade, parentesco e procedência entre as pessoas de um determinado local ou grupo social. Na maioria dos casos, a migração ocorria de forma articulada e planejada, na certeza de que alguém já tivesse disponibilizado emprego e local de moradia, mesmo que provisoriamente.

De modo semelhante ao que foi investigado por Eunice Durham, sobre a integração dos trabalhadores rurais em sistemas urbano-industriais, em Chapecó também se pode perceber que:

(...) quando o trabalhador rural se desloca à procura de emprego, segue as rotas que foram seguidas por parentes e amigos antes dele. Ele vai com conhecidos, ou à procura de conhecidos que sabe estar em tal ou qual lugar. Os lugares que ele conhece são aqueles que fazem parte da experiência passada da sua comunidade e são as relações pessoais que servem de ponto de apoio à movimentação espacial. A não ser excepcionalmente, o emigrante não se aventura no desconhecido, mas se orienta por notícias, por informações, por relações (1984, p.137).

Certamente as condições econômicas influenciam as pessoas a se deslocarem de um local para outro, mas, além disso, a perspectiva de melhoria das condições de vida e a possibilidade de concretizar *sonhos* são componentes da bagagem dos migrantes. Nesse sentido, o deslocamento de pessoas do campo para a cidade pode ter vários significados, dependendo das condições experimentadas pelos sujeitos no meio rural. A vinda, para a cidade, dos colonos à procura de emprego nas indústrias frigoríficas de Chapecó pode revelar várias condições: o abandono de uma situação social anterior de dificuldades; o *chamado sedutor* de parentes ou amigos que já haviam deixado o campo; uma estratégia da família que já não tinha condições de manter o grupo familiar, entre outras⁶. Assim, deslocar-se para a cidade era uma alternativa e pode representar também a seleção dos colonos que não se adaptaram às formas de trabalho propostas pelas novas técnicas e tecnologias agrícolas, viabilizadas pelas políticas públicas, especialmente a partir de meados dos anos sessenta. A população migrante esteve envolvida por *forças* que impulsionaram a migração para a cidade; no entanto, temos que percebê-la também composta de sujeitos que agiram diante das condições de incerteza que os atingiam nos momentos de redefinição das formas de vida e trabalho no campo. A migração campo-cidade pode ser compreendida, na maioria dos casos, como uma escolha, uma iniciativa dos colonos no cenário econômico e social que, a todo o momento, se modificava⁷.

Para os migrantes que se instalaram no loteamento Efapi, a política de contratação de parentes por *indicação*, efetivada pela empresa, contribuiu para a formação desse espaço e a criação de laços de responsabilidade, confiança e gratidão, reforçando o discurso de constituição de uma *grande família Sadia*⁸. “A confiança, o crédito valem muito. Foi assim que eu consegui emprego pro irmão, pra irmã e vários outros parentes, amigos que vinham falar comigo e, com o meu aval, eles entravam na Sadia” (SANTOS, 2003).

Essa forma de contratação pode ser considerada como uma estratégia de controle da mão-de-obra, pois a empresa apostava no papel vigilante que parentes e amigos exerciam uns sobre os outros, em caso de embates e conflitos no local de trabalho. E ainda a imagem da Sadia como empresa que contratava e ajudava os migrantes das áreas rurais a se alocarem na cidade era extremamente útil para uma indústria com grande necessidade de mão-de-obra e altas taxas de rotatividade, chegando ao ponto de “toda a semana saía quatro, entrava cinco funcionários” (Id.).

A empresa também interagiu com o estabelecimento dos primeiros núcleos de moradores, disponibilizando, muitas vezes, água encanada, energia elétrica ou, até mesmo, casa e terreno para os funcionários. Essas iniciativas foram instituindo a imagem de que a empresa era *amiga dos funcionários*, preocupava-se até mesmo com a saúde dos seus trabalhadores e dependentes.

Aquela vez, quando uma pessoa ficava doente, porque carro ninguém tinha aqui perto. Uma vez o meu neto ficou doente e precisava ir no hospital e tudo, a Sadia que mandava a Kombi, o motorista e tudo pra levar e buscar a hora que precisasse. Os chefes vinham visitar. A Sadia era amiga dos empregados, amiga dos funcionários (NATÁLIA, 2003).

A fama da Sadia como uma empresa “boa-de-se-trabalhar”, que proporcionava uma série de vantagens sociais, era certamente um dos principais fatores de atração populacional a Chapecó,

especialmente aos loteamentos que se formaram nas proximidades daquela agroindústria. De fato, a maioria dos depoimentos destaca a facilidade de se conseguir trabalho, a não exigência de qualificação ou estudo. “Naquela época aqui era bom, era fácil de arrumar emprego. Na Sadia tu ia lá e era fácil de arrumar emprego, podia ter a idade que for, até com 15, 16 anos entrava” (METILDE C., 2003). Esse *tempo bom* de abundância de trabalho era reforçado pela idéia de que, na hora da admissão, a empresa dava preferência à contratação de ex-colonos. No primeiro momento, os funcionários que chegavam à procura de emprego vinham motivados por anúncios principalmente de rádio, mas, a partir da segunda metade da década de 1970, com o aumento do número de funcionários que, no final daquele decênio, “já passavam de 1.000,”⁹ a forma mais comum de contratação era por indicação de um amigo, parente ou conhecido.

Além disso, na contratação de pessoas de procedência rural também se “dava preferência pra filho de agricultor integrado para trabalhar na Sadia, ou que de alguma forma tivesse um vínculo com a empresa” (AIRTON, P., 2004). Isso reforça os argumentos de que a modernização da agricultura que ocorreu por meio das políticas públicas e da produção integrada disponibilizou um grande contingente populacional, que foi incorporado à força de trabalho dos frigoríficos de Chapecó e da região.

A empresa prezava pela constituição de uma força de trabalho que fosse livre de *vícios*, que tivesse uma *formação familiar* para o trabalho na indústria frigorífica. O perfil do funcionário almejado pela empresa era ser de procedência rural, com idade entre 18 e 35 anos e sem habilidade com o trabalho industrial:

Quanto aos trabalhadores, quando a gente sabia que ele era do campo, de origem rural, a gente podia saber que ele poderia ter menos habilidade com o trabalho dentro da empresa. Mas a gente sabia que, por ser uma pessoa mais humilde, era bem mais fácil da gente trabalhar ele, treinar. Ele vinha com uma formação familiar um pouco

mais, mais aconchegante, mais fácil de se trabalhar do que um outro funcionário que morasse aqui na cidade e tinha outros vícios (ALEXANDRE P., 2003).

Para o trabalho na indústria frigorífica, a mão-de-obra não precisava ser qualificada⁰. Apenas, à exceção de cargos de funcionários que trabalhavam no setor de recursos humanos, químicos, veterinários e técnicos, o restante dos trabalhadores aprendia no *chão da fábrica* a exercer as diferentes tarefas no revezamento pelas seções do frigorífico.

A Sadia tinha uma forma de contratação própria. Os cargos de chefia e os postos mais importantes eram ocupados por pessoas que já tinham alguma experiência com o trabalho na indústria frigorífica, geralmente funcionários da empresa da matriz de Concórdia. Para aqueles contratados diretamente em Chapecó, o processo consistia em submeter os interessados a uma entrevista com um funcionário do Serviço Social da empresa e, como descrevem os operários, *fazer a ficha* e aguardar ser chamado, quando a contratação não fosse feita no momento da inscrição.

Fazia uma ficha, aí tu botava o nome de uma pessoa porque telefone não tinha, não existia, só alguns, aí tu botava o nome de uma pessoa que morava perto de ti, um conhecido que trabalhava na empresa, na ficha. Daí, quando eles te chamavam, eles davam recados pra aquela pessoa trazer pra ti (ENI C., 2004).

Os laços de amizade e parentesco também eram importantes no momento da contratação. Como relatou Eni C. (2004), ela teve que colocar o nome de uma “pessoa conhecida” na ficha que preencheu, para ser comunicada quando surgisse uma vaga para trabalhar. Assim, percebe-se que uma rede de relações vinculava os moradores dos arredores da empresa, que chegavam principalmente para trabalhar na Sadia, motivados por alguma pessoa conhecida e pelas oportunidades de emprego.

Posteriormente, era feito um exame médico e odontológico na pessoa que estava sendo avaliada. Em muitos casos “se mandava

fazer o tratamento médico e dentário antes de entrar na empresa” (AIRTON P., 2004). Certamente essa era a primeira vez, com raras exceções, que a pessoa recebia cuidados médicos ou dentários. Para Paulo Fontes, esse procedimento poderia causar “forte impressão nos trabalhadores, pois além de caracterizar-se como ‘atestado’ de boas condições de saúde e de aptidão para o emprego”, o exame *anunciava* as difíceis condições de trabalho que iriam encontrar pela frente (FONTES, 2002, p.82).

Além disso, como parte do processo de contratação, quando “se tinha um grupo de dez ou quinze funcionários a gente fazia um dia de integração” com os novos trabalhadores:

Nesse dia nós mostrávamos o que era a Sadia, na época era com projeção de um filme de 7 ou 8 minutos e depois a gente fazia uma visita no frigorífico e por toda a empresa, ia na fábrica de ração com quem estava entrando. Todos que entravam passavam pelas dependências da Sadia, a gente passava pelos escritórios, embalagem, matança, caldeira, a gente mostrava o que era a Sadia, era um dia de visita. Sempre tinha essas visitas quando tinha admissão dos funcionários” (AIRTON P., 2004).

Mostrar os diferentes compartimentos que envolviam o trabalho na indústria frigorífica e as empresas do grupo Sadia aos novos funcionários era uma forma de demonstrar que eles iriam trabalhar para uma empresa importante, que já tinha várias filiais distribuídas pelo país. Nesse sentido, os funcionários da Sadia não trabalhavam “só pela Sadia mas pelo desenvolvimento do país como um todo” (Revista Integração, 1982, p.3).

Nesse ambiente em que uma nova cultura se gestava, existiam formas de solidariedade, relações de amizade e conflitos, que se estruturavam durante a contínua convivência, envolvendo diariamente pessoas de diferentes precedências, que passavam boa parte do tempo entre os locais de moradia e trabalho.

Os agricultores que se deslocaram para a cidade de imediato se confrontaram com o rearranjo das condições de moradia e trabalho

nas imediações de uma fábrica localizada em área tipicamente rural. Pelo visto, o *sonho*, componente da bagagem da maioria deles (casa, oportunidades de emprego, de freqüentar escola), relacionado ao desejo de conseguir sobrepor as dificuldades enfrentadas no meio rural, não foi alcançado de imediato e dependeu das condições experimentadas por cada um e da reivindicação, junto às entidades públicas locais, de equipamentos como escolas, transporte, água encanada, pavimentação, energia elétrica, atendimento médico, entre outros. Além de reapropriarem as condições de vida e trabalho, esses novos personagens do cenário urbano edificaram formas de aliviar as dificuldades de sobrevivência e a falta de recursos nos locais de moradia e trabalho.

Notas

* Artigo apresentado na oficina “**Trabalhadores da Indústria Frigorífica de Chapecó**”.
** Mestre em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina. Coordenadora do Museu Histórico de Pinhalzinho.

¹ “Para estimular ainda mais as indústrias que pretendem sediar-se em Chapecó, os poderes Legislativo e Executivo aprovaram leis especiais que isentam impostos por tempo determinado e que concedem favores como doação de terreno, aberturas de estradas, terraplanagem etc. inclusive fornecendo energia elétrica abundante”. (Eu transformarei Chapecó. **Revista Cebleiro Catarinense**, op. cit., p. 9.)

² Informações concedidas pela empresa.

³ Em outras áreas da cidade, nos arredores do frigorífico SAICC e Aurora e demais empresas, o mesmo estava acontecendo, de acordo com as especificidades de cada localidade. Na época o prefeito municipal era Milton Sander, pelo partido Arena. Attilio Fontana, fundador da Sadia, também era do partido Arena – condição que facilitou a constituição desses loteamentos, amparados pelo poder público, que autorizava a regulamentação, mas que não tinha possibilidade de oferecer os melhoramentos de infra-estrutura, como água encanada, energia elétrica, pavimentação, escolas, entre outros.

⁴ A urbanização das cidades que compõem o Estado de Santa Catarina manifestou-se na década de 1950 e 1960, coincidindo com a intensificação do movimento campocidade em todo país. No caso da urbanização de Chapecó foram fatores determinantes a posição geográfica da cidade, a atuação de entidades públicas como a Secretaria dos Negócios do Oeste, criada em 1963 e expansão das atividades industriais criadas a partir da década de 1960. Para saber mais sobre o processo de desenvolvimento e formação do Espaço urbano de Chapecó ver: PELUSO JUNIOR, Víctor A. **Estudos de Geografia Urbana de Santa Catarina**. Florianópolis: UFSC, 1991, p. 284-309. E, ALBA, Rosa Salete. **Espaço Urbano. Os agentes de produção em Chapecó**. Chapecó: Argos, 2002.

⁵ FONTES, Paulo R. R. **Comunidade operária, migração nordestina e lutas sociais: São Miguel Paulista (1945-1966)**. 2002. Tese de Doutorado – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002, p. 68. O autor, que estudou a migração de nordestinos

para São Miguel Paulista (SP), percebeu que “as redes sociais baseadas na família e nos laços de amizade e comunitários eram fundamentais para o migrante. Eram elas que o encaminhavam para cidades e bairros, e muitas vezes, diretamente para o trabalho em empresas específicas”. (Id., p. 71.)

⁶ A mobilização de pessoas do campo para a cidade tem se apresentado como uma condição apropriada às sociedades humanas. Isso tem acontecido principalmente nos momentos de “insegurança” ou “crise” vivida pelas famílias que, na maioria das vezes, envolvem fatores econômicos como o agravamento das condições de existência do grupo familiar. De acordo com Eunice Durham, esses “não são fenômenos particulares de nossa época. Mas a amplitude dos movimentos migratórios internos no Brasil durante o século XX, assim como o processo acelerado de urbanização, apontam para transformações econômico-sociais profundas que, como geralmente se reconhece, estão relacionadas ao processo de desenvolvimento do país”. (DURHAM, 1984, p. 7.)

Para saber mais sobre os motivos que seduzem as populações das áreas rurais a seguir para a cidade e como se dá o processo de transformação de famílias de trabalhadores de origem rural em grupo operário, ver também: ALVIN, Rosilene. **A sedução da cidade: os operários camponeses e a fábrica dos Lundgren**. São Paulo: Graphia, 1997.

⁷ Eros Mussoi e outros autores, que investigaram a participação direta dos cidadãos (pequenos agricultores) e de seus representantes (parlamentares e representantes diretos) na formação e gestão das políticas públicas de incentivo à modernização da agricultura no contexto de descentralização e desenvolvimento econômico em Santa Catarina nos anos setenta, constataram que esse modelo “leva a agricultura a um novo dinamismo. O aumento da produtividade e da produção física agrícola expressa transformações significativas desde o ponto de vista econômico e técnico para uma determinada área do setor agropecuário e para os setores agroindustrial, comercial e financeiro. Por outro lado estes fatos produziram conseqüências muito sérias para a agricultura como um todo e especialmente para o campesinato. Se por um lado se observa um grande avanço tecnológico-econômico, por outro se constata uma notável regressão social e sérias conseqüências desde o ponto de vista ambiental”. (MUSSOI, SEIBEL e PUERTA-TRUFILLO, 1998, p. 127-128)

⁸ Para Paulo Fontes, a contratação por indicação – constatada no caso dos trabalhadores da Nitro Química em São Miguel Paulista –, “além de tentar criar um laço de confiança”, “coadunava-se com a política de constituição de uma grande família níttrica”. (FONTES, Paulo. **Trabalhadores e Cidadãos. Nitro Química: a fábrica e as lutas operárias nos anos 50**. São Paulo: Annablume, 1997, p. 81

⁹ Informações fornecidas pela empresa. A década de setenta marcou a fundação da unidade de Chapecó, começando com pouco menos de 50 e terminando a década com cerca de 1000 funcionários. Já na década de oitenta, iniciou com cerca de 1000 e terminaria com aproximadamente 3000 funcionários. A década de noventa parte dos 3000 e chega a aproximadamente 4100 funcionários. Atualmente a empresa possui cerca de 5300 funcionários.

¹⁰ A mão-de-obra não especializada parece ser uma variável característica do trabalhador das indústrias frigoríficas. Assim como constatou Mirta Lobato, “o frigorífico era um campo propício para o trabalhador não especializado. Os frigoríficos requeriam uma forma de trabalho que se adapta de maneira flexível a diferentes flutuações pela demanda de braços”. (LOBATO, Mirta Zaida. **La vida en las fábricas**. Trabajo, protesta y política en una comunidad obrera, Berisso (1904-1970). 2. ed. Buenos Aires: Prometeu, 2004, p. 143.) Na pesquisa de mestrado realizada por Célia R. A. Araújo, que procurava traçar um perfil dos trabalhadores do frigorífico Anglo de Barretos (SP), também foi percebido que a maioria dos trabalhadores contratados pela empresa era desqualificada para essa modalidade de trabalho. (ARAÚJO, Célia R. A. **Perfil dos funcionários do frigorífico Anglo de Barretos – 1927-1935**. 2003. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.)

Referências

ALBA, Rosa Salete. **Espaço Urbano. Os agentes de produção em Chapecó**. Chapecó: Argos, 2002.

ALVIN, Rosilene. **A sedução da cidade: os operários camponeses e a fábrica dos Lundgren**. São Paulo: Graphia, 1997.

ARAÚJO, Célia R. A. **Perfil dos funcionários do frigorífico Anglo de Barretos – 1927-1935**. 2003. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

DURHAM, Eunice. **A caminho da cidade**. São Paulo: Perspectiva, 1984.

ESPÍNDOLA, Carlos J. **As Agroindústrias do Brasil: o caso Sadia**. Chapecó: Grifos: 1999.

FONTES, Paulo R. R. **Trabalhadores e Cidadãos. Nitro Química: a fábrica e as lutas operárias nos anos 50**. São Paulo: Annablume, 1997.

_____. **Comunidade operária, migração nordestina e lutas sociais: São Miguel Paulista (1945-1966)**. 2002. Tese de Doutorado – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

LOBATO, Mirta Zaida. **La vida en las fábricas. Trabajo, protesto y política en una comunidad obrera, Berisso (1904-1970)**. 2. ed. Buenos Aires: Prometeu, 2004.

LOPES, José Sérgio Leite (Org). **Cultura e Identidade Operária. Aspectos da cultura da classe trabalhadora**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1987.

_____. **A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés**. São Paulo: Marco Zero, 1988.

MAMIGONIAM, Armen. Notas sobre os frigoríficos do Brasil central pecuário. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 51, 1976.

MUSSOI, Erros et all. **Integracion entre investigacion y extencion agrária em um contexto de descentralizacion de desarrollo: el caso de Santa Catarina, Brasil.** Tese de Doutoramento – Universidad de Córdoba, 1998.

PELUSO JUNIOR, Víctor A. **Estudos de Geografia Urbana de Santa Catarina.** Florianópolis: UFSC, 1991.

RENK, Arlene. Questões sobre a migração urbana e o êxodo rural em Chapecó. **Revista Grifos**, Chapecó, n. 1, p.25, jul. 1994.

SADIA 50 anos: construindo uma História. São Paulo: Prêmio, 1994.

Fontes Pesquisadas

Jornal **Correio do Sul**, Chapecó, 1978.

Jornal **Folha do Bairro Efapi**, Chapecó, 2004.

Justiça do Trabalho. Processo n. 790/82. Chapecó.

Revista **Catarinense**, Florianópolis, anos: 1969, 1972.

Revista **Celeiro Catarinense**, Florianópolis, anos: 1971.

Revista **do Sul**, Blumenau, anos: 1971, 1973.

Revista **Integração**, Alphaville – SP, ano: 1982.

Entrevistas

ACEDIRA L. **Depoimento concedido à Fernanda Ben.** Chapecó, 14 out. 2004.

AIRTON P. **Depoimento concedido à Fernanda Ben.** Chapecó, 04 nov. 2004.

ALEXANDRE P. **Depoimento concedido à Fernanda Ben.** Chapecó, 09 out. 2003.

ENI C. **Depoimento concedido à Fernanda Ben.** Chapecó, 31 mai. 2004.

JOÃO G. **Depoimento concedido à Fernanda Ben.** Chapecó, 14 out. 2004.

LAURI N. **Depoimento concedido à Fernanda Ben.** Chapecó, 31 mai. 2004.

METILDE C. **Depoimento concedido à Fernanda Ben.** Chapecó, 09 set. 2003.

NATÁLIA **Depoimento concedido à Fernanda Ben.** Chapecó, 19 nov. 2003.

OSVALDO M. **Depoimento concedido à Fernanda Ben.** Chapecó, 10 out. 2003

VIEIRA S. **Depoimento concedido à Fernanda Ben.** Chapecó, 19 dez. 2003.

Abstract

This text tried to demonstrate how the rearrangement of the work forms, leisure and sociability of the immigrants of agricultural origin established in the urban nucleus occurred, in the neighborhoods of Sadia cold storage room in Chapecó. The reorganization of these spaces was closely related to the development of the agro-industrial capital in Chapecó and to the changes in the work forms that were taking place in the rural environment at the city and region.

Keywords: Chapecó; cold storage room industry; workers.